



São motivações que emergem da realidade de exclusão de grande parte do povo latino-americano e caribenho e da prática de Jesus Cristo. As insistências são tantas que, várias vezes, parecem caracterizar-se como repetições ou até redundâncias. Neste artigo respeitamos, sem a preocupação de tecer comentários críticos, o que a Conferência de Aparecida, recolhendo os clamores dos nossos povos, expressou ao longo do Documento que, sem dúvida, constitui-se num caminho-desafio para a retomada, com novo ardor, da caminhada de libertação e vida a partir das Comunidades de Base. Diante do que o Espírito diz à Igreja, não há como ficar indiferentes.

*Endereço do autor:*

Rua Francisco Goulart 103 – Apto. 303  
B. Trindade  
88036-600 FLORIANÓPOLIS, SC  
E-mail: loraschi@itesc.org.br



**Resumo:** Nos 24 números que se referem explicitamente à mobilidade humana, o Documento de Aparecida (DA) recolhe grande riqueza de sugestões e idéias, que convergiram no texto final, trazendo valores semânticos e pastorais híbridos e diversificados. De tal herança, a Igreja se questiona como acolher a mensagem transmitida e fazê-la frutificar. O presente artigo busca apresentar, sucintamente, elementos da visão de pastoral da mobilidade humana que perpassa o DA, partindo dos textos que tratam a mobilidade humana explicitamente, para incluir, como conclusão, elementos de reflexão sobre os itens apresentados.

**Abstract:** In 24 paragraphs which refer explicitly to people engaged in Pastoral Service, the document of Aparecida offers a great many suggestions and ideas which are gathered from a wide range of semantic notions drawn up from many areas of pastoral duties and operations. In view of a multiplicity of services rendered to the people, the Church is faced with the task to evaluate the results. The article intends to give an overall view of people engaged in Pastoral Care, mentioned in the DA. The purpose is to attain a fruitful understanding of the dynamic aspect inherent in the disciples who are engaged in missionary work and to grasp the organizational tasks, which should be applied today.

## **Discípulos migrantes e migrantes missionários**

### **Elementos de pastoral da mobilidade humana a partir do Documento de Aparecida**

*Carmem Lussi\**

\* Missióloga. Diretora do Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios de Brasília.



## Introdução

Nos 24 números<sup>1</sup> que se referem explicitamente à mobilidade humana, o Documento de Aparecida (DA) recolhe grande riqueza de sugestões e idéias, que convergiram no texto final, trazendo valores semânticos e pastorais híbridos e diversificados. De tal herança, a Igreja se questiona como acolher a mensagem transmitida e fazê-la frutificar.

A recepção do DA, no que se refere ao tema da mobilidade humana, não registrou muito entusiasmo nem trouxe expressivas novidades. E, todavia, uma releitura à certa distancia é sugestiva e pode inspirar planejamentos pastorais.

No Brasil, o termo Pastoral da Mobilidade Humana está se tornando conceito a ser pronunciado no plural; uma opção mais institucional que teológico-pastoral, certamente, mas também uma indicação de percurso, que no DA já aparece como escolha consolidada. De fato, as pessoas em mobilidade vivem situações muito diferentes, mas a mobilidade em si é uma situação específica e a Igreja, desde sempre, tem vivido, e muitas vezes também reconhecido, a singularidade desta condição e a pertinência de uma atenção pastoral própria. No texto do DA, a pluralidade de categorias de sujeitos em mobilidade não é muito expressiva, enquanto que a diversidade de contextos e fases dos processos migratórios vividos pelos povos do continente é bastante citada e inclui as várias categorias de migrantes e itinerantes. Tal diversidade é histórico-cultural, mas é também socioeconômica e religiosa, dependendo dos contextos locais compreendidos na análise. O documento se destaca por uma referência clara e determinante aos fluxos de mobilidade populacional como dimensão intrínseca da realidade múltipla do continente e dos tecidos eclesiais das comunidades locais e, ao mesmo tempo, busca, neste contexto, indicar percursos e metas pastorais para as Igrejas Locais.

O presente artigo busca apresentar, sucintamente, elementos da visão de pastoral da mobilidade humana que perpassa o DA, partindo

<sup>1</sup> Conferir antologia completa das citações sobre mobilidade humana no DA no site [http://www.csem.org.br/artigos\\_port\\_teologia\\_08.html](http://www.csem.org.br/artigos_port_teologia_08.html).



dos textos que tratam a mobilidade humana explicitamente<sup>2</sup>, para incluir, como conclusão, elementos de reflexão sobre os itens apresentados.

## 1 Dos discípulos migrantes

É conhecida a tradicional visão das migrações adotada nos documentos da Igreja, sobretudo a partir da *De Pastoralis Migratorum Cura*, como sendo prevalentemente focada na situação de necessidade em que podem se encontrar os migrantes.

*“...no conceito de migrante são compreendidos todos aqueles que, por qualquer motivo, se encontrem a morar fora da pátria ou da própria comunidade étnica e por verdadeiras necessidades precisam de uma assistência particular” (DPMC n. 15).*

De tal situação de necessidade foi normalmente sublinhada a dimensão da pobreza e da exploração do trabalho, âmbitos estes com os quais a Igreja comprometeu-se, com denúncia, solidariedade e promoção da dignidade humana, em muitos países do mundo. O DA faz um passo significativo no sentido de ampliar a visão da mobilidade humana como realidade complexa, heterogênea e sobretudo portadora de muita riqueza, potencialidades e desafios inovadores para as sociedades implicadas e para a Igreja.

O foco nas situações de vulnerabilidade que causam e naquelas causadas pela mobilidade humana tem um espaço amplo no Documento e aparecem em diferentes números, seja separadamente – onde é tratado o tema da mobilidade humana especificamente, – seja dentro de outros temas, onde as migrações aparecem como um aspecto dentro de um contexto mais amplo ou uma dimensão intrínseca no quadro geral de um tema abordado. Vamos aos textos.

- Pelos migrantes, itinerantes e refugiados em situação de vulnerabilidade e até de risco a Igreja reserva uma atenção especial. Algumas situações são citadas no Documento, como a indicar uma prioridade:

<sup>2</sup> Um amplo artigo apresentando uma análise preliminar do tema da mobilidade humana em Aparecida está disponível no site [http://www.csem.org.br/artigos\\_port\\_teologia\\_08.html](http://www.csem.org.br/artigos_port_teologia_08.html): LUSI, Carmem. “O tema da mobilidade humana no Documento de Aparecida”, Brasília, agosto, 2008, 17 p.



*“A cultura suburbana é fruto de **grandes migrações de população**, em sua maioria pobre, que se estabeleceu ao redor das cidades nos cinturões de miséria. Nestas culturas os problemas de identidade e pertença, relação, espaço vital e lar são cada vez mais complexos” (DA 58)<sup>3</sup>.*

*“...contemplar os **rostos daqueles que sofrem**. Entre eles estão as comunidades indígenas e afro-americanas... [os] **migrantes, deslocados...**” (DA 65).*

*“Um dos fenômenos mais importantes em nossos países é o processo de **mobilidade humana**, em sua dupla expressão de **migração e de itinerância em que milhões de pessoas migram ou se vêem forçadas a migrar dentro e fora de seus respectivos países**. As causas são diversas e estão relacionadas com a situação econômica, a violência em suas diversas formas, a pobreza que afeta as pessoas e a falta de oportunidades para a pesquisa e o desenvolvimento profissional. Em muitos casos as conseqüência são de enorme gravidade em nível pessoal, familiar e cultural. A perda do capital humano de milhões de pessoas, de profissionais qualificados, de pesquisadores e amplos setores da agricultura vai nos empobrecendo cada vez mais. A exploração do trabalho chega, em alguns casos, a gerar condições de verdadeira escravidão. Acontece também um vergonhoso tráfico de pessoas, que inclui a prostituição, inclusive de menores. **Merece especial menção a situação dos refugiados**, que questiona a capacidade de acolhida da sociedade e das igrejas. Por outro lado, no entanto, a remessa de divisas dos emigrados a seus países de origem tem se tornado uma importante e, às vezes, insubstituível fonte de recursos para diversos países da região, ajudando o bem-estar e à mobilidade social ascendente daqueles que conseguem participar com êxito neste processo.” (DA 73 – completo)*

- os Bispos reconhecem um papel da Igreja junto àquelas realidades locais onde o direito a não migrar não é garantido e as causas das migrações indicam violações de direitos humanos e ameaças à vida e à dignidade de pessoas e povos:

*“Hoje, os povos **indígenas e afros** estão ameaçados... Algumas comunidades indígenas se encontram fora de suas terras porque*



*elas foram invadidas e degradadas, ou não têm terras suficientes para desenvolver suas culturas... **A migração, forçada pela pobreza**, está influenciando profundamente na mudança de seus costumes, de relacionamentos e inclusive de religião” (DA 90).*

*“A globalização faz emergir em nossos povos, novos rostos pobres. Com especial atenção e em continuidade com a Conferências Gerais anteriores, fixamos nosso olhar nos rostos dos novos excluídos: **os migrantes**, as vítimas da violência, **os deslocados e refugiados, as vítimas do tráfico de pessoas...** as pessoas que vivem na rua das grandes cidades, os indígenas e afro-americanos, agricultores sem terra e os mineiros. A Igreja, com sua Pastoral Social, deve dar acolhida e acompanhar esta pessoas excluídas nas esferas as quais correspondam” (DA 402).*

*“Deve ter presente também os **deslocados pela violência**. Nos países açoitados pela violência se requer a ação pastoral para acompanhar as vítimas e oferecer-lhes acolhida e capacitá-las para que possam viver de seu trabalho” (DA 414).*

- algumas categorias de pessoas em situação de mobilidade preocupam de modo especial as Igrejas da América Latina e do Caribe. O Documento cita ao menos três vezes (da quais duas citadas abaixo) nos textos sobre mobilidade humana o drama do tráfico de pessoas:

*“Nesta hora da América Latina e do Caribe, é imperativo tomar consciência da situação precária que afeta a dignidade de muitas mulheres. Algumas desde crianças e adolescentes, são submetidas a múltiplas formas de violência dentro e fora de casa: **tráfico...**” (DA 40)*

*“A **exploração do trabalho** chega, em alguns casos, a gerar condições de verdadeira escravidão. Acontece também um vergonhoso **tráfico de pessoas**, que inclui a prostituição, inclusive de menores” (DA 73).*

Uma leitura atenta do DA apresenta uma série de textos que falam de uma Igreja que há tempo vem superando uma visão assistencialista e negativa das migrações para adotar uma visão capaz de conter a complexidade do fenômeno e sobretudo valorizar suas riquezas. Muitas passagens do Documento trazem referências explícitas a essa nova visão, que indica com clareza uma orientação para a ação com a qual a Igreja edifica

<sup>3</sup> Todos os grifos nos textos do Documento de Aparecida são de minha autoria.



a si mesma incluindo, com abertura e integrando com responsabilidade, o protagonismo das pessoas e dos grupos que chegam em seu território tendo recebido a fé e a formação cristã em outros lugares e culturas. Nesse sentido, a diversidade cultural é o principal elemento tratado pelos bispos no Documento. Nesta diversidade, a participação das migrações, desde a chegada dos europeus até as mais recentes formas de mobilidade interna ou internacional, é reconhecida como significativa, além de expressiva:

*“A variedade e a riqueza das culturas latino-americanas, desde aquelas mais originárias até aquelas que com a passagem da história e a mestiçagem de seus povos foram se sedimentando nas nações, nas famílias, nos grupos sociais, nas instituições educativas e na convivência cívica, constitui um dado bastante evidente para nós o qual valorizamos como uma singular riqueza” (DA 43).*

*“À origem comum unem-se a cultura, a língua e a religião que podem contribuir para que a **integração não seja só de mercados, mas de instituições cívicas e de pessoas.**” (DA 82)*

*“/.../ A cultura mestiça, que é a mais extensa entre muitos povos da região, tem buscado em meios às contradições sintetizar ao longo da história estas múltiplas fontes culturais originárias, facilitando o diálogo das respectivas cosmovisões e permitindo sua convergência em uma história compartilhada. A esta complexidade cultural haveria que se acrescentar também a **de tantos imigrantes europeus que se estabeleceram nos países de nossa região**” (DA 56).*

O Protagonismo das pessoas em mobilidade é entendido no sentido de contribuição ao desenvolvimento socioeconômico e cultural das sociedades implicadas por seu percurso migratório, sobretudo através das remessas. Todavia, migrantes e itinerantes, refugiados e *desplazados* são sujeitos ativos também no sentido de desenvolvimento humano de quem migra e de quem é beneficiado pelo encontro de culturas que a mobilidade humana favorece; assim como pelo intercâmbio de mentalidades, idiomas, saberes e experiências, pelo amadurecimento e as transformações que enriquecem quantos circulam nos fluxos de população migrante, itinerante ou até mesmo refugiada. Algumas citações:

*“Cremos que a realidade das migrações não deve nunca ser vista só como um problema, mas também e sobretudo, como um grande recurso para o caminho da humanidade” (DA 413)*



*“Reconhecemos o dom da vitalidade da Igreja que peregrina na América Latina e no Caribe... Louvamos ao Senhor por ter feito deste continente um espaço de comunhão e comunicação de povos e culturas indígenas. Também agradecemos o **protagonismo que vão adquirindo setores que foram deslocados: mulheres, indígenas, afro-americanas, os homens do campo e habitantes de áreas marginais das grandes cidades**” (DA 128).*

*“Os indígenas constituem a população mais antiga do Continente. Estão na raiz primeira da identidade latino-americana e caribenha. Os afro-americanos constituem outra raiz que foi arrancada da África e trazida para cá como gente escravizada. **A terceira raiz é a população pobre que migrou da Europa a partir do século XVI, em busca de melhores condições de vida e o grande fluxo de imigrantes de todo o mundo a partir de meados do século XIX**” (DA 88).*

*“...a remessa de divisas dos emigrados a seus países de origem tem se tornado uma importante e, às vezes, insubstituível fonte de recursos para diversos países da região, **ajudando o bem-estar e à mobilidade social ascendente** daqueles que conseguem participar com êxito neste processo” (DA 73).*

*“As generosas remessas enviadas pelos imigrantes latino-americanos a partir dos Estados Unidos, Canadá, países europeus e outros, evidenciam sua capacidade de sacrifício e amor solidário a favor das próprias famílias e pátrias de origem. É, geralmente, **ajuda dos pobres para os pobres**” (DA 416).*

## 2 Dos migrantes missionários

Repetidamente, o DA refere-se aos deslocamentos populacionais no continente como uma bênção, pois são lidos como etapas importantes no processo de evangelização do continente e potencialidade de integração dos povos, de desenvolvimento e de protagonismo. Como apresentado acima, por duas vezes (DA 76 e 146), o documento cita as remessas dos migrantes positivamente, indicando como uma riqueza para os países de origem, a partida dos mesmos. O Texto, por quatro vezes, sublinha a dimensão missionária da igreja encarnada pelas pessoas em mobilidade em seus percursos migratórios, ao mesmo tempo discípulos que alimentam sua vida cristã e missionários que se tornam dinamizadores da fé junto às comunidades de



chegada. Trata-se de uma convicção, que vem desde Scalabrini<sup>4</sup>, que as migrações são um *kairos* para a evangelização e para a vitalidade da Igreja. Seguem os principais textos sobre o tema:

*“Devido a animação bíblica da pastoral, aumenta o conhecimento da Palavra de Deus e do amor por ela. Graças à assimilação do Magistério da Igreja e a uma melhor formação de generosos catequistas, a renovação da Catequese tem produzido fecundos resultados em todo o Continente, chegando inclusive a países da América do Norte, Europa e Ásia, para onde muitos latino-americanos e caribenhos têm emigrado” (DA 99 a).*

*“Os discípulos, que por essência são também missionários em virtude do Batismo e da Confirmação, são formados com um coração universal, aberto a todas as culturas e a todas as verdades, cultivando a capacidade de contato humano e de diálogo... Os emigrantes são igualmente discípulos e missionários, e são chamados a ser uma nova semente de evangelização, a exemplo de tantos emigrantes e missionários que trouxeram a fé cristã a nossa América” (DA 377).*

*“Os migrantes devem ser acompanhados pastoralmente por suas Igrejas de origem e estimulados a fazerem-se discípulos e missionários nas terras e comunidades que os acolhem, compartilhando com eles as riquezas de sua fé e de suas tradições religiosas. Os migrantes que partem de nossas comunidades podem oferecer uma valiosa contribuição missionária às comunidades que os acolhem” (DA 415).*

A Conferência de Aparecida sabe, e o texto registrou, que a missionariedade dos migrantes não é compreensível nem se realiza sem um compromisso de vitalidade na evangelização e na pastoral de toda a comunidade de onde parte ou onde chega. “As Conferências Episcopais e as Dioceses devem assumir profeticamente esta pastoral específica com a dinâmica de unir critérios e ações que favoreçam uma permanente atenção também aos migrantes, que devem chegar a ser também discípulos e missionários” (DA 412). Esta consciência de uma ‘eclesialidade’ intrínseca aos deslocamentos de populações cristãs é um marco importante que o DA registra. Enquanto as sociedades lamentam sobre a emigração de suas lideranças mais capacitadas, a Igreja louva ao Senhor

<sup>4</sup> João Batista Scalabrini foi Bispo de Piacenza, Itália, no final do século XIX e por 3 décadas desenvolveu vasta obra de sensibilização, de formação e de intervenção em favor das pessoas em mobilidade, que naquele momento eram os italianos (e outros europeus) que emigravam, sobretudo em direção dos Estados Unidos, Argentina e Brasil.



pelos migrantes que, em sua vocação laical, enquanto realizam sonhos e conquistam novos passos em seu caminho pessoal ou profissional, levam o Evangelho a outros povos e contribuem com o dinamismo missionário de outras Igrejas Locais mundo afora<sup>5</sup>.

A mobilidade humana, no DA, aparece diversas vezes nos textos que se referem à pastoral no contexto urbano. Mesmo sem citar o êxodo rural nem a circularidade urbana ou o pendularismo, que caracterizam em modo determinante os tecidos urbanos de muitos países do continente, o Documento sublinha a interligação entre migrações e pastoral urbana, como desafio à pastoral, e às pastorais da mobilidade humana, em particular. Deste modo, pode-se identificar, a partir da preocupação presente nos textos, uma indicação de percurso pastoral claro: nas cidades a pastoral migratória e a pastoral ordinária praticamente coincidem ou podem coincidir, ao menos lá onde a consciência do fenômeno da mobilidade humana faz a pastoral ordinária incluir migrantes, itinerantes e refugiados em seu modo de organizar-se, de interagir com o território e de responder aos novos desafios. No ponto 10.6, onde o Texto trata da pastoral urbana, há duas citações específicas ao tema da mobilidade humana, completando a reflexão com uma referência ao êxodo rural, logo em seguida:

*“Reconhecendo e agradecendo o trabalho renovador que já se realiza em muitos centros urbanos, a V Conferência propõe e recomenda uma nova pastoral urbana que: /.../ i) Fomente a pastoral da acolhida aos que chegam à cidade e aos que já vivem nela, passando de um passivo esperar a um ativo buscar e chegar aos que estão longe com novas estratégias tais como visitas às casas, o uso dos novos meios de comunicação social e a constante proximidade ao que constitui para cada pessoa a sua cotidianidade. /.../ k) Procure a presença da Igreja, por meio de novas paróquias e capelas, comunidades cristãs e centros de pastoral, nas novas concentrações humanas que crescem aceleradamente nas periferias urbanas das grandes cidades devido às migrações internas e situações de exclusão” (DA 517).*

<sup>5</sup> Um artigo rico sobre a contribuição das migrações para a vitalidade da igreja de chegada é apresentada por Urs Koeppel em seu artigo publicado na REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, n. 28, 2007, pp. 181-196: “Elementi per una teologia biblica della migrazione e Le aspettative rivolte alla Chiesa”. O artigo está publicado em português com o título “Elementos para uma teologia bíblica da missão e os desafios à Igreja” no site [http://www.csem.org.br/artigos\\_port\\_teologia\\_07.html](http://www.csem.org.br/artigos_port_teologia_07.html)



*“No entanto, tudo o que foi dito anteriormente não tira a importância, de uma renovada pastoral rural que fortaleça os habitantes do campo e seu desenvolvimento econômico e rural, **neutralizando as migrações**. Deve-se anunciar a eles a Boa Nova para que enriqueçam suas próprias culturas e as relações comunitárias e sociais” (DA 519).*

Os dois últimos parágrafos são também as duas chamadas contidas no DA ao tema das migrações internas, que não somente no Brasil, mas em todo o continente, ocupam papel relevante no contingente de pessoas e grupos humanos que se deslocam em busca de vida melhor em geral. Mais concretamente, muitos destes deslocamentos internos são causados por situações perpetradas de violações de direitos, por necessidade de assistência e serviços que o mundo rural não oferece e o contexto urbano promete e por modelos econômicos (sobretudo agrícolas) que contradizem e até ferem a dignidade da pessoa e seu acesso aos direitos.

Falando da emigração de cérebros ou *brain drain* (DA 445), os bispos não chegam a citar a mobilidade de lideranças, catequistas e teólogos/as, de algum modo já sugerida precedentemente no ponto em que louvavam a ação missionária realizada pelos migrantes em outros países (DA 99 a), mas manifestam sua preocupação pelos jovens migrantes. Entre estes, a experiência ensina que crianças e jovens são as faixas etárias que mais facilmente conseguem inserirem-se em novas realidades, sociais e também eclesiais, abrindo assim caminho para a integração intercultural de comunidades cristãs, edificadas e renovadas pela mobilidade humana.

### 3 Da igreja de discípulos missionários, migrantes e autóctones

Não é possível afirmar que o DA tenha uma proposta específica de Pastoral das migrações ou de Pastoral da mobilidade humana, o que seria até mesmo discutível, considerando os objetivos do Documento e o fato que é ainda recente o último documento do Conselho Pontifício da Pastoral para Migrantes e Itinerantes: *Erga migrantes caritas Christi*<sup>6</sup>. Todavia, a abundância de citações do tema em modo implícito e explícito, sugere

<sup>6</sup> Instrução do Conselho Pontifício da Pastoral para Migrantes e Itinerantes, publicado em 03 de maio de 2004.



algumas características de como o texto aprovado pelos bispos entende a pastoral das migrações, dentro do quadro mais amplo da ação da igreja por todas as pessoas em mobilidade, que no Brasil é entendida como “Pastorais da Mobilidade Humana”. Nesse plural incluem-se as diferentes categorias de migrantes e, por que não, as várias modalidades de se pensar, organizar e responder aos desafios que os grupos e as pessoas em mobilidade neste – ou deste país para o mundo – apresentam à Igreja.

Depois de ter tratado o tema da mobilidade humana com um número inteiro do Documento (DA 73) na parte onde desenvolve a descrição da realidade socioeconômica, o Texto traz elementos de aprofundamento do mesmo tema na Capitulo “O Reino de Deus e a promoção humana”, onde, com o subtítulo “migrantes” aponta uma série de indicações pastorais nos números 411 a 416, onde o tema da mobilidade humana é o foco do discurso.

Dois elementos merecem particular destaque: o caráter eclesial e a dimensão de novidade (ainda!) que os bispos reconhecem ao tema da migração. Apesar de ser uma dimensão muito forte da realidade deste continente desde décadas, existem alguns aspectos de novidade da mobilidade humana que chamam mais atenção nos últimos anos, como a emigração extra-continental e, sobretudo, algumas situações locais particularmente dramáticas, como a dos deslocados na Colômbia, que é o segundo país do mundo – atrás somente do Sudão – em número de *desplazados*.

Durante todo o Documento da V Conferência o tema das migrações é apresentando como algo intrínseco à realidade dos povos do continente, e, portanto, também de suas realidades eclesiais locais.

*“É expressão de caridade, também eclesial, o **acompanhamento pastoral dos migrantes**. Há milhões de pessoas que por diferentes motivos estão em constante mobilidade. Na América Latina e Caribe os **emigrantes, deslocados e refugiados** sobretudo por causas econômicas, políticas e de violência constituem um **fato novo e dramático**” (DA 411).*

No DA 411 é sublinhada a eclesialidade da caridade pastoral para com os migrantes. Já se falou, citando a Carta aos Hebreus, que as migrações não somente indicam o movimento em si da vivência na fé, mas representam o dinamismo da fé vivida na comunidade e a criatividade pastoral a que o tema da inculturação conclama, não somente missionários e missionárias *ad gentes*, mas toda a Igreja, sobretudo a que vive em situação



de mobilidade. No mesmo número, o texto caracteriza o fenômeno como abrangente, dramático e novo. Este caráter de novidade, que se refere mais à tomada de consciência da importância e abrangência da mesma que a seu desenvolvimento no tempo, inclui outra novidade: a Igreja na América Latina e Caribe assume a migração como desafio, espaço e até como âmbito ativo e passivo de sua missionariedade. Supera-se, assim, com coragem, uma prevalente visão simplista das migrações, que as entendia como problema, fator contingente e particularidade de um carisma próprio, o qual, por mais de um século, foi promotor da atenção às pessoas em mobilidade na realidade eclesial de alguns países do continente.

Junto ao elemento de novidade, a dramaticidade das migrações caracteriza a compreensão que das mesmas adota o Documento. Como apresentado anteriormente, as violações de direitos humanos, as ameaças à vida e as incoerências em nível local, nacional e internacional na gestão do fato migratório, fazem com que os bispos focalizem sua atenção na necessidade da Igreja de saber ver, reconhecer e responder com especial prioridade as pessoas que vivem em situação de vulnerabilidade por causa da mobilidade humana. Desta preocupação fazem parte também os esforços para trabalhar sobre as conseqüências negativas que a mobilidade pode gerar nas pessoas e nas sociedades interessadas, agravando ainda mais as situações de vulnerabilidade que nascem nas causas de migrações forçadas ou forçadamente assumidas. Este elemento de dramaticidade do fato migratório, junto com a antiga visão 'pauperista' das migrações é o principal determinante das orientações que o DA sugere ao planejamento pastoral em contexto de mobilidade humana. Tais orientações unem-se às preocupações e orientações que perpassam todo o documento e que podem ser resumidas na intrínseca dimensão missionária da Igreja e no compromisso de todos e todas os/as batizados/as na evangelização, entendida não como ato à parte, mas como dinamismo e vitalidade de toda a Igreja. Os textos ainda não citados:

*“A Igreja, como Mãe, deve se sentir como **Igreja sem fronteiras**, Igreja familiar, **atenta ao fenômeno crescente da mobilidade humana em seus diversos setores**. Considera indispensável o desenvolvimento de uma mentalidade e uma espiritualidade a serviço pastoral dos irmãos em mobilidade, estabelecendo estruturas nacionais e diocesanas apropriadas, que facilitem o encontro do estrangeiro com a Igreja local de acolhida. As Conferências Episcopais e as Dioceses **devem assumir profeticamente***



*esta pastoral específica com a dinâmica de unir critérios e ações que favoreçam uma permanente atenção também aos migrantes, que devem chegar a ser também discípulos e missionários” (DA 412).*

*“Para conseguir este objetivo, faz-se necessário reforçar o diálogo e a **cooperação de saída e de acolhida entre as Igrejas**, a fim de dar uma atenção comunitária e pastoral aos que estão em mobilidade, apoiando-os em sua religiosidade e valorizando suas expressões culturais em tudo aquilo que se refira ao Evangelho. É necessário, que nos Seminários e Casas de formação se tome consciência sobre a realidade da mobilidade humana, para dar a esse fenômeno uma resposta pastoral. Também se requer a **preparação de leigos que com sentido cristão, profissionalismo e capacidade de compreensão**, possam acompanhar aqueles que chegam, como também as famílias que deixam nos lugares de saída. Cremos que “a realidade das migrações não deve nunca ser vista só como um problema, mas também e sobretudo, como um grande recurso para o caminho da humanidade” (DA 413).*

*“Entre as tarefas da Igreja a favor dos migrantes está indubitavelmente a denúncia profética dos atropelos que sofrem freqüentemente, como também o esforço por incidir, junto aos organismos da sociedade civil, nos governos dos países, para conseguir **uma política migratória que leve em consideração os direitos das pessoas em mobilidade**. Deve ter presente também os deslocados pela violência. Nos países açoitados pela violência se requer a ação pastoral para acompanhar as vítimas e oferecer-lhes acolhida e capacitá-los para que possam viver de seu trabalho. Ao mesmo tempo, deverá aprofundar seu esforço pastoral e teológico para promover uma cidadania universal na qual não haja distinção de pessoas” (DA 414).*

Entre os elementos de caráter mais metodológico, pode-se sublinhar como principais orientações pastorais sugeridas pelo Documento as seguintes:

- Reforço sobre o dever da instituição eclesial em se comprometer pelas formas efetivas de assistência de pessoas em mobilidade e pela inclusão da perspectiva migratória nos vários âmbitos, desde a formação do clero até o investimento em estruturas apropriadas;
- Lembrete sobre a necessidade fundamental de colaboração e trabalho em rede entre Igrejas de chegada e de partida dos



- fluxos migratórios, estratégia esta adotada desde sempre, e desde sempre somente muito raramente efetivada;
- Uma chamada particularmente interessante: o profissionalismo dos e das agentes de pastoral da mobilidade humana e a necessidade de estabelecer critérios que orientem a abordagem ao tema e a organização e atuação de intervenções que respeitem a complexidade e especificidade da categoria implicada;
  - A incidência, que nos últimos anos é refrão nos contextos de formação e planejamento de pastorais da mobilidade humana, entra no documento como âmbito inerente ao compromisso pela promoção da dignidade da pessoa humana migrante, itinerante ou refugiada. Mais do que *slogan*, a incidência chama em causa outro refrão que o DA cita somente marginalmente, que é o trabalho em redes, desde a pastoral de conjunto até as reais articulações entre organizações nacionais e internacionais para qualificação a missão junto a e pelas pessoas em mobilidade.

#### 4 Migrações e a missionariedade da Igreja

No n. 100.e do Documento, os bispos reconhecem que “é insuficiente o acompanhamento pastoral para os migrantes e itinerantes”, completando outra preocupação e *mea culpa* já contido no n. 59:

*“Existem também comunidades de migrantes que deixaram as culturas e tradições trazidas de suas terras de origem, sejam cristãs ou de outras religiões. Por sua vez, esta diversidade incluiu comunidades que foram se formando com a chegada de diferentes denominações cristãs e outros grupos religiosos. Assim, assumir a diversidade cultural, que é um imperativo do momento, envolve superar os discursos que pretendem uniformizar a cultura, com enfoques baseados em modelos únicos”*

O texto do n. 59, na verdade, é complexo e abrange diversos temas e preocupações dos pastores. A intrínseca relação entre cultura e religião, e destas com a formação da identidade de um povo (e de uma pessoa) pedem prudência e abertura na interpretação do parágrafo; todavia, a indicação de fundo harmoniza com o tema do Documento: discipulado e missão.



Neste ponto o Texto inclui, mesmo sem citar, migrações e ecumenismo<sup>7</sup>, diálogo e acompanhamento de adultos no processo de iniciação cristã e de caminho para a maturidade na fé. Todos temas que tem, entre as pessoas em mobilidade, um de seus ‘públicos alvo’ privilegiados. Entre os 24 números do DA que citam explicitamente a mobilidade humana, encontra-se também o n. 231, que introduz o tema ecumênico como potencialidade que a mobilidade humana traz intrinsecamente, pelo simples fato de sua mesma realidade ser dialógica e penetrar os tecidos humanos e sociais. O Texto diz que “a mobilidade humana, característica do mundo atual, pode ser ocasião propícia para o diálogo ecumênico da vida”. Na sua brevidade a visão é clara e torna-se recomendação para os planejamentos assim como para as mentalidades, silenciando o outro lado da medalha que a pastoral ordinária costuma lamentar como risco de proselitismo ou hemorragia da comunidade católica em direção de outras confissões ou novas comunidades. A opção dos bispos é acreditar na formação dos leigos, na qualidade da vida cristã e na missionariedade dos e das discípulos(as) migrantes, que, saindo de suas terras, levam a fé e sabem partilhá-la, interagir e também criar laços de comunhão ecumênica.

Se por um lado nos números 412 a 414 o DA chama atenção à necessidade de um compromisso pastoral concreto e atuante a favor e junto das pessoas em mobilidade, na linha do modelo<sup>8</sup> tradicional de uma pastoral “específica e especializada”, entendida mais comumente como “separada”; outros números do Documento ampliam o raio e assumem perspectivas que podem ser entendidas como complementares. Tais textos podem também sugerir indicação de percurso para um modelo novo de pastoral para contextos de mobilidade humana, quem sabe menos “específica” e mais “ordinária”, integrada na pastoral de conjunto, capaz de permear todas as pastorais e propositiva no sentido de valorizar os recursos humanos e de discipulado que a mobilidade populacional faz circular e que podem fomentar a missionariedade. Neste sentido podem ser (re)lidos os parágrafos sobre a pastoral urbana e também os que se referem às paróquias. O n.

<sup>7</sup> O tema das migrações e do ecumenismo foi estudado por WOLF, Elias. “Fluxos migratórios, ecumenismo e missionariedade”, em *REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 28, 2007, pp. 127-148.

<sup>8</sup> Apresentei breve análise dos modelos de Pastoral das migrações no volume LUSI, Carmem. *A missão da Igreja no contexto da mobilidade humana*. Petrópolis-Brasília, VOZES-CSEM, 2006.



170 não cita migrações nem outras formas de mobilidade, mas a atenção à diversidade cultural [e religiosa e lingüística e...] dos membros da comunidade local sugere que a integração da temática migratória dentro da pastoral de conjunto vai junto com a inserção de temas como ministérios e movimentos. Certamente, a indicação é corajosa e, se não tivesse sido notada na hora da votação do texto, agradecemos ao Espírito que a suscita na *Wirkungsgeschichte* do mesmo:

*“Um dos maiores desejos que se tem expressado nas Igrejas da América Latina e do Caribe motivando a preparação da V Conferência Geral, é o de uma corajosa ação renovadora das Paróquias, a fim de que sejam de verdade “espaços da iniciação cristã, da educação e celebração da fé, abertas à diversidade de carismas, serviços e ministérios, organizadas de modo comunitário e responsável, integradoras de movimentos de apostolado já existentes, atentas à diversidade cultural de seus habitantes, abertas aos projetos pastorais e supra-paroquiais e às realidades circundantes”.*

O uso do plural na identificação de PASTORAIS da mobilidade humana, mais que um nominalismo, trata-se de uma complexidade e um esforço de respeito das diversidades e inclusão da alteridade sem homologação obrigatória no tecido eclesial, em sua forma de organizar-se, assim como em sua mentalidade. A lista das categorias de pessoas em mobilidade que as pastorais da mobilidade humana assistem e/ou acompanham é ampla e diversificada segundo a realidade de cada país. Além das migrações e do refúgio, que retornam muitas vezes no texto, o DA cita, de algum modo, algumas outras destas pastorais, encorajando percursos eclesiais. A pastoral do turismo, por exemplo, tem um inteiro número do documento onde é citada:

*“Na cultura atual, estão se abrindo novos campos missionários e pastorais que se abrem. Um deles é, sem dúvida, a pastoral do turismo<sup>274</sup> e do entretenimento, que tem um campo imenso de realização nos clubes, nos esportes, no cinema, centros comerciais e outras opções que diariamente chamam a atenção e pedem para ser evangelizados” (DA 493).*

Outras pastorais da mobilidade humana citadas ou sobre as quais podem ser encontrados acenos são: pastoral dos moradores de rua, pasto-



ral com estudantes estrangeiros, pastoral dos brasileiros [em nosso caso] no exterior... outras ainda não aparecem no documento<sup>9</sup>.

### Um desafio ainda da mobilidade humana à missionariedade

Todas as citações do Documento de Aparecida acima apresentados referem-se, se não estritamente, ao menos majoritariamente, aos fluxos de populações cristãs. O ímpeto missionário que animou o debate e perpassa todo o Texto, nos parágrafos que tratam explicitamente o tema das migrações, não inclui explicitamente a preocupação pelo primeiro anúncio de Jesus Cristo aos não cristãos e somente alusivamente refere-se ao dialogo inter-religioso, que todavia é uma emergente necessidade em muitas realidades locais dos países da América Latina e do Caribe. O foco na dimensão eclesial do discurso e a atenção ao “novo e dramático” fenômeno não podem eximir a Igreja de seu papel de anunciadora da Boa Nova e de testemunho do Reino, pensando também às pessoas em mobilidade que não fazem parte da Comunidade. Pessoas e grupos de outras religiões, migrantes que se distanciaram da Igreja e quantos, por qualquer motivo, nas vias das migrações, também viveram a migração religiosa para outras comunidades ou credos fazem parte dos filhos e filhas de Deus em mobilidade para os quais o Senhor convoca sua Igreja ao anúncio, ao acompanhamento na fé, ao serviço e àquela acolhida que tem na atitude de Abraão em Mambré seu ícone exemplar.

De todos estes fluxos também é composto o mundo das pessoas refugiadas, migrantes ou itinerantes que pedem um compromisso eclesial claro e articulado pelos direitos humanos e a promoção da vida dos mesmos. A pastoral missionária de uma Igreja povo a caminho inclui também estes desafios, enquanto se dedica e trabalha nas diferentes

<sup>9</sup> As pastorais da mobilidade humana representadas no Pontifício Conselho, segundo o site oficial [http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/migrants/index\\_po.htm](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/migrants/index_po.htm), são: migrantes; refugiados e desplazados internos; estudantes internacionais; turismo, peregrinações, santuários; gente do mar, aviação civil; nômades: sinti e Roma; circenses; apostolado da estrada. As pastorais da mobilidade humana atualmente articuladas no respectivo Setor da CNBB são: apostolado do mar, pastoral rodoviária ou da estrada, pastoral dos nômades, pastoral dos pescadores, pastoral dos refugiados, pastoral do turismo, pastoral do migrante, incluindo atenção especial em particular aos estudantes internacionais, e ao combate ao tráfico de pessoas.



formas de pastorais da mobilidade humana, inspirada e fortificada pela riqueza do DA.

### Bibliografia essencial sobre o DA

*Aparecida Esperanza para América Latina y El Caribe. Medellín*, vol XXXIII, n. 130, junio 2007.

*Aparecida: horizontes de anseios e esperanças. Revista Espaços*, vol 15, n. 1, 2007.

*Perspectivas Teológicas de Aparecida. Medellín*, vol XXXIII, n. 131, septiembre 2007.

*Ruma à Assembléia de Aparecida. Revista Dominicana de Teologia*, ano 2, n. 4, 2007.

*V Conferência Geral do Episcopado latino-americano e Caribenho. Encontros Teológicos*, ano 21, n. 3, 2006.

Endereço da Autora:  
E-mail: [migrante@csem.org.br](mailto:migrante@csem.org.br)



## **Homilia que Dom Murilo S.R. Krieger, Arcebispo Metropolitano de Florianópolis, faria dia 23 de novembro de 2008, na celebração de encerramento do Centenário da “Diocese” de Florianópolis<sup>1</sup>**

*Dom Murilo S.R. Krieger, scj<sup>2</sup>*

### **Celebração Eucarística**

Encerramento das celebrações do Centenário da “Diocese”  
de Florianópolis

Estádio Orlando Scarpelli – Florianópolis, 23.11.08

Liturgia de *Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo*

Ezequiel 34,11-12.15-17; Salmo 23/22; 1Coríntios 15,20-26.28;

Mateus 25,31-46

<sup>1</sup> Celebração prevista mas não realizada devido a catástrofe climática que ocasionou fortes chuvas, com inúmeros danos e mais de cem mortes no litoral catarinense.

<sup>2</sup> Arcebispo de Florianópolis.